Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

FEMINISMO NEGRO E SUAS NARRATIVAS NA INDÚSTRIA MUSICAL BRASILEIRA

BLACK FEMINISM AND ITS NARRATIVES IN THE BRAZILIAN MUSIC INDUSTRY

Flavio Eduardo Villar Franco Rosendo Dos Santos, Elisangela Freitas Leite, Mariah Martins de Carvalho

Etec Drª. Ruth Cardoso

E-mail para contato: flaviorosendo766@gmail.com

RESUMO - A participação das mulheres na música brasileira cresceu nas últimas décadas, mas persistem desigualdades de gênero e raça na indústria musical. Este artigo objetiva analisar as experiências e narrativas de mulheres negras nesse setor sob a perspectiva do feminismo negro, considerando racismo, sexismo e barreiras de reconhecimento e visibilidade. Realizou-se pesquisa documental, qualitativa e exploratória, baseada em artigos científicos e documentos. Os resultados apontam maior representatividade e novas possibilidades digitais, embora permaneçam desigualdades estruturais. Conclui-se que a maior visibilidade das mulheres negras não significa, necessariamente, igualdade de oportunidades e reconhecimento profissional.

Palavras-chave: Indústria musical, Feminismo, Feminismo negro, Música popular brasileira

ABSTRACT - Women's participation in Brazilian music has increased in recent decades, but gender and racial inequalities persist in the music industry. This article aims to analyze the experiences and narratives of Black women in this sector from the perspective of Black feminism, considering racism, sexism, and barriers to recognition and visibility. A qualitative and exploratory documentary study was conducted, based on scientific articles and documents. The results indicate greater representation and new opportunities provided by digital technologies, although structural inequalities remain. It is concluded that greater visibility of Black women does not necessarily mean equal opportunities and professional recognition.

Keywords: Music industry, Feminism, black Feminism, Brazilian popular music

ISSN 2317-1316

1 INTRODUÇÃO

A participação das mulheres foi e continua sendo fundamental para a construção da música brasileira. Entretanto, sua presença no setor artístico foi historicamente atravessada por desigualdades de gênero que interferem nas possibilidades de inclusão, permanência e reconhecimento profissional. Essas diferenças permanecem na indústria musical contemporânea, na qual as mulheres ainda ocupam espaços inferiores aos dos homens em diferentes atividades profissionais (Ourique e Gauziski, 2025).

Dados recentes ajudam a dimensionar essa desigualdade. Ourique e Gauziski (2025) apontam que, dos R$ 1,3 bilhão distribuídos em direitos autorais pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), apenas 8% foram destinados às mulheres. As autoras também destacam que essas desigualdades se tornam ainda mais complexas quando consideradas mulheres negras e LGBTQIA+, grupos com menor representatividade no setor.

No caso das mulheres negras, as desigualdades de gênero não podem ser analisadas separadamente das relações étnico-raciais. O feminismo negro surge justamente da necessidade de compreender experiências que não eram suficientemente contempladas pelo movimento feminista, historicamente centrado nas experiências das mulheres brancas, nem pelo movimento negro, que frequentemente priorizava as questões raciais em relação às desigualdades de gênero (Leal, 2020). Nesse sentido, a interseccionalidade constitui uma importante ferramenta de análise, pois permite compreender a articulação entre racismo, patriarcado e sexismo e seus efeitos sobre as experiências das mulheres negras (Leal, 2020).

No Brasil, o feminismo negro ganhou maior força a partir da década de 1970, período de fortalecimento das mobilizações de mulheres negras. Entre suas principais representantes estão Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro, cujas contribuições ampliaram as discussões sobre raça, gênero, identidade e protagonismo das mulheres negras (Leal, 2020).

A música constitui um espaço no qual essas relações também podem ser observadas. Historicamente, mulheres negras enfrentaram barreiras para ocupar espaços de criação e obter reconhecimento artístico. Dona Ivone Lara desenvolveu sua trajetória em um ambiente musical predominantemente masculino e rompeu limites impostos às mulheres no samba, tornando-se a primeira mulher a integrar a ala de compositores do Império Serrano (Trotta, 2021). Elza Soares também se destaca nesse processo por uma trajetória marcada pelo enfrentamento ao racismo, ao machismo e às desigualdades sociais. Sua produção artística tornou-se espaço de

ISSN 2317-1316

resistência e afirmação da mulher negra, especialmente a partir de 2015, quando se evidenciam críticas relacionadas às desigualdades de classe, raça e gênero (Pinto e Silva, 2025).

Em diferentes gerações, portanto, artistas negras utilizaram a música como espaço de construção identitária, denúncia e resistência às representações racistas e sexistas (Carvalho, Souza e Abreu, 2022; Santos e Santos, 2025). Ao mesmo tempo, as transformações da indústria musical, com a expansão das plataformas digitais, das redes sociais e da produção independente, ampliaram as possibilidades de criação e divulgação. Contudo, maior visibilidade não significa necessariamente superação das desigualdades relacionadas à participação, remuneração e reconhecimento das mulheres no setor (Ourique e Gauziski, 2025).

O presente estudo tem como objetivo analisar as experiências e narrativas de mulheres negras na indústria musical brasileira sob a perspectiva do feminismo negro, considerando as relações entre racismo e sexismo e as barreiras de reconhecimento e visibilidade profissional. Busca, ainda, identificar permanências e transformações entre diferentes gerações de artistas negras e compreender a música como espaço de construção identitária, resistência e protagonismo.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa documental, de abordagem qualitativa e caráter exploratório, voltada à compreensão das experiências e narrativas de mulheres negras na indústria musical brasileira. A pesquisa considera as relações entre raça e gênero, com atenção às barreiras de reconhecimento e visibilidade enfrentadas por essas mulheres e às transformações observadas entre diferentes gerações de artistas.

Foram utilizados como fontes artigos científicos e documentos relacionados às trajetórias de mulheres negras na música brasileira, contemplando artistas de diferentes gerações e contextos musicais. A análise foi organizada a partir de temas recorrentes identificados nos materiais consultados, entre eles racismo, sexismo, padrões estéticos, invisibilidade, reconhecimento profissional, identidade, resistência e ocupação de espaços na indústria musical.

Também foram consideradas produções musicais mencionadas pela literatura selecionada como exemplos das experiências discutidas. As letras das músicas, entretanto, não

ISSN 2317-1316

constituíram objeto de análise, sendo utilizadas apenas de forma ilustrativa para demonstrar como questões relacionadas ao racismo e ao sexismo sofridos pelas mulheres negras são representadas no campo musical.

Por fim, realizou-se uma comparação entre experiências de artistas de diferentes gerações, buscando identificar permanências e transformações na presença, na visibilidade e nas narrativas das mulheres negras na música brasileira.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mulheres negras na indústria musical: raça, gênero e desigualdade

Os estudos analisados demonstram que a presença feminina na indústria musical brasileira cresceu nas últimas décadas, mas esse avanço não eliminou as desigualdades existentes no setor. Ourique e Gauziski (2025) apontam que as mulheres permanecem sub-representadas em diferentes atividades da indústria musical e que apenas 8% dos R$ 1,3 bilhão distribuídos em direitos autorais pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD) foram destinados a elas.

A desigualdade torna-se ainda mais complexa quando consideradas especificamente as mulheres negras. Ourique e Gauziski (2025) observam que grupos historicamente marginalizados permanecem menos representados, realidade que também pode ser compreendida a partir das limitações históricas dos movimentos feministas. Enquanto determinados grupos de mulheres brancas reivindicavam maior acesso ao mercado de trabalho, mulheres negras já possuíam uma longa trajetória de trabalho, inicialmente sob a escravidão e, posteriormente, em atividades frequentemente subalternizadas. Suas experiências específicas com o racismo, entretanto, nem sempre foram incorporadas às pautas feministas (Leal, 2020).

Nesse contexto, o feminismo negro torna-se fundamental para compreender experiências atravessadas simultaneamente pelo racismo e pelo sexismo. Leal (2020) destaca que, enquanto movimentos feministas tenderam a universalizar experiências de mulheres brancas, movimentos negros nem sempre incorporaram adequadamente as questões de gênero.

A interseccionalidade permite compreender essa sobreposição ao considerar a articulação entre racismo, patriarcado e sexismo. Aplicada à indústria musical, essa perspectiva

ISSN 2317-1316

evidencia que as barreiras enfrentadas pelas artistas negras não decorrem isoladamente do gênero ou da raça, mas da interação entre essas estruturas de desigualdade.

As trajetórias de Dona Ivone Lara e Elza Soares exemplificam essa realidade: enquanto Dona Ivone rompeu barreiras de gênero em espaços de criação musical predominantemente masculinos (Trotta, 2021), Elza construiu uma trajetória marcada pelo enfrentamento ao racismo, ao machismo e às desigualdades sociais (Pinto e Silva, 2025). Em diferentes períodos da música brasileira, ambas evidenciam como raça e gênero interferiram nas possibilidades de reconhecimento e ocupação dos espaços musicais.

Invisibilidade, reconhecimento e ocupação dos espaços musicais

As desigualdades identificadas atualmente possuem raízes históricas. A trajetória de Dona Ivone Lara é um exemplo de como mulheres negras precisaram romper barreiras para ocupar espaços de criação e reconhecimento na história da música brasileira. Trotta (2021) demonstra que sua trajetória ocorreu em um ambiente marcado pela divisão de papéis entre os gêneros. Nesse contexto, enquanto determinadas atividades dentro das escolas de samba eram atribuídas às mulheres, os espaços relacionados à criação e à composição permaneciam predominantemente masculinos.

A entrada de Dona Ivone Lara na ala de compositores do Império Serrano, em 1965, representa um importante marco de ruptura em relação a essas barreiras. A artista tornou-se a primeira mulher a integrar esse espaço, até então dominado por homens. Mesmo diante desse reconhecimento, sua trajetória artística foi atravessada pelas responsabilidades domésticas, familiares e profissionais, e sua carreira fonográfica somente ganhou maior evidência posteriormente (Trotta, 2021).

A trajetória de Elza Soares também evidencia as dificuldades de reconhecimento e, ao mesmo tempo, as possibilidades de resistência construídas por mulheres negras no campo musical. Pinto e Silva (2025) destacam que sua história foi atravessada pela pobreza, pelo racismo, pela violência e pelo machismo. Antes de alcançar reconhecimento como cantora, Elza trabalhou como lavadeira e operária, iniciando posteriormente sua atuação profissional na música. Ao longo de sua trajetória, sua voz adquiriu também uma dimensão política, especialmente pela forma como passou a representar experiências e reivindicações relacionadas às mulheres negras. Para as autoras, sua produção artística pode ser compreendida como espaço

ISSN 2317-1316

de resistência e de ruptura com processos de silenciamento historicamente impostos a essas mulheres (Pinto e Silva, 2025).

Esse protagonismo tornou-se particularmente evidente na fase mais recente de sua carreira. Segundo Pinto e Silva (2025), sobretudo nos álbuns produzidos a partir de 2015, as críticas às desigualdades de classe, raça e gênero passaram a aparecer de forma marcante em sua produção. O reconhecimento de sua atuação ultrapassou o próprio campo musical: em 2019, Elza Soares recebeu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul o título de Doutora *Honoris Causa*, relacionado à relevância de sua atuação no enfrentamento ao racismo e à perseguição das mulheres negras (Pinto e Silva, 2025).

As trajetórias de Dona Ivone Lara e Elza Soares demonstram, portanto, que a invisibilidade das mulheres negras na música não pode ser atribuída à ausência de capacidade artística ou de produção relevante. Em diferentes momentos históricos, ambas enfrentaram barreiras relacionadas ao gênero e à raça para alcançar espaços de criação, reconhecimento e protagonismo. Ao mesmo tempo, suas trajetórias demonstram que a ocupação desses espaços também pode constituir uma forma de resistência às estruturas que historicamente limitaram a presença e a voz das mulheres negras.

Essa interpretação encontra correspondência nos dados contemporâneos apresentados por Ourique e Gauziski (2025), que demonstram a permanência de desigualdades na participação e no reconhecimento das mulheres na indústria musical brasileira.

As autoras exibem, que 84% das mulheres participantes de uma das pesquisas examinadas relataram discriminação por serem mulheres, enquanto 63% afirmaram terem sido afetadas pelo preconceito de gênero. Além do fato que, a participação feminina nos direitos autorais e nos principais espaços de renome permanecem significativamente inferior à masculina. Dessa maneira, embora os contextos históricos sejam diferentes, a concordância que ainda percebemos mecanismos de permanência dessas desigualdades na sociedade brasileira.

No caso das mulheres negras, essas barreiras também se potencializam já que à forma como seus corpos, identidades e capacidades profissionais são historicamente e socialmente aceitos e representados (Leal, 2020; Carvalho, Souza e Abreu, 2022).

Racismo e sexismo representados nas narrativas musicais

ISSN 2317-1316

Além das trajetórias profissionais, os estudos selecionados demonstram que na própria música e em seus processos de produção, devem ser identificadas construções e disseminações relacionadas ao racismo e a violência de gênero. Carvalho, Souza e Abreu (2022), ao abordarem produções de mulheres negras na cena do rap brasileiro, assimilam que o combate de representações associadas aos padrões estéticos da branquitude, à posição social e à objetificação do corpo das mulheres negras, estão estritamente ligadas em mover uma estrutura já enraizada na sociedade.

Entre os exemplos discutidos pelos autores estão produções de Tássia Reis e Preta Rara. Em Preta D+ (Antunes, Reis e Brechó, 2019), interpretada por Tássia Reis, são evidenciadas questões relacionadas à aparência da mulher negra, como a aceitação do próprio cabelo, além das dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho.

> [...]
> O mundo tem que melhorar
> Eu já mudei minha percepção
> Agora eu sou preta demais
> Mas não na sua conotação
>
> Eu sou demais, eu sou incrível
> Eu sou demais e não sou invisível
> Eu sou demais, eu sou incrível
> Eu sou demais [...]
> (Antunes; Reis; Brechó, 2019)

Já nas produções de Preta Rara aparecem críticas aos padrões brancos de beleza e às representações historicamente construídas sobre as mulheres negras, podemos ver isso na letra de Falsa Abolição, de Preta Rara (2013), utilizada, neste estudo, como exemplo ilustrativo dessas questões:

> [...]
> Dinheiro não tem cor, mas pra trabalhar tem
> Há muitos negros vencedores
> Eu digo amém
> Negra mudando de cor não é normal
> Pra poder ser aceita no país do real
> Não troco minha raça
> Por nada, essa é minha casa
> Mais uma negra militante mostrando a cara
> Branco correndo tá atrasado
> Preto correndo tá armado
> E é tiro da polícia para todos os lados
> [...]
> Preta Rara (2013)

ISSN 2317-1316

Essas manifestações podem ser entendidas a partir do conceito de "imagens de controle", utilizado por Carvalho, Souza e Abreu (2022) com base no pensamento de Patrícia Hill Collins. Essas imagens correspondem as representações socialmente construídas que contribuem para justificar e naturalizar determinadas estéticas sempre relacionadas as mulheres negras. No contexto brasileiro, os autores relacionam essa discussão a representações históricas como a "mãe preta", a "mulata" e a "doméstica".

A partir dos estudos selecionados, foram identificadas diferentes expressões do racismo e do sexismo nas experiências de mulheres negras no campo musical, envolvendo padrões estéticos, oportunidades profissionais, invisibilidade, objetificação e barreiras de gênero e raça, conforme sistematizado no Quadro 1 (Trotta, 2021; Carvalho, Souza e Abreu, 2022).

Quadro 1: Expressões do racismo e do sexismo vivenciados por mulheres negras representadas na música brasileira

Dimensão evidenciada	Manifestação na experiência das mulheres negras	Exemplo musical	Interpretação no artigo	Fundamentação
Racismo, sexismo e resistência	Sobreposição das desigualdades de raça e gênero e enfrentamento de estruturas que historicamente silenciam mulheres negras.	Elza Soares – A Carne	A produção interpretada por Elza Soares pode ilustrar a denúncia da desigualdade racial e da desvalorização social da população negra, articulada à experiência da mulher negra.	Literatura sobre Elza Soares e feminismo negro
Racismo estético	Imposição da estética branca como padrão de beleza e aceitabilidade social.	Tássia Reis – Preta D+	A desvalorização do cabelo crespo e de características fenotípicas negras evidencia a atuação da branquitude na construção dos padrões estéticos.	Carvalho, Souza e Abreu (2022)
Racismo no mercado de trabalho	Aparência racializada como fator de exclusão e restrição de oportunidades profissionais.	Tássia Reis – Preta D+	Raça e gênero atuam conjuntamente na produção de barreiras profissionais para mulheres negras.	Carvalho, Souza e Abreu (2022)
Branquitude e apagamento da identidade negra	Referenciais brancos apresentados como padrões universais de beleza e pertencimento.	Preta Rara – Falsa Abolição	A valorização da estética branca e a ausência de referenciais negros contribuem para processos de apagamento e desvalorização da identidade negra.	Carvalho, Souza e Abreu (2022)
Hipersexualização e objetificação	Construção social do corpo feminino negro como objeto sexual.	Produções de rappers negras	A objetificação demonstra a articulação entre racismo e sexismo na construção das chamadas imagens de controle.	Carvalho, Souza e Abreu (2022)
Silenciamento e invisibilização	Dificuldade de ocupação e reconhecimento das mulheres negras inclusive em espaços culturais de resistência.	Rappers negras	As mulheres negras enfrentam relações de poder atravessadas simultaneamente por raça, gênero e classe.	Santos e Santos (2025)
Barreiras de gênero e raça no campo musical	Ocupação feminina negra de espaços historicamente masculinizados.	Dona Ivone Lara	Sua trajetória evidencia barreiras de gênero e raça e a conquista de reconhecimento em um espaço historicamente masculino.	Trotta (2021)

ISSN 2317-1316

As produções musicais apresentadas no Quadro 1 não constituem um corpus específico de análise das letras, sendo utilizadas como exemplos das manifestações identificadas na literatura selecionada. Dessa forma, permitem ilustrar como experiências ligadas a essas relações que as descaracterizam também são expressas no campo musical.

A sistematização evidencia que as desigualdades vivenciadas pelas mulheres negras não se restringem às dificuldades de acesso e reconhecimento na indústria musical. Elas se manifestam também na imposição de padrões estéticos, nas oportunidades profissionais, nas representações socialmente construídas sobre o corpo feminino negro e nas possibilidades de construção e afirmação da própria identidade. Ao mesmo tempo, os estudos demonstram que a música pode constituir um espaço de questionamento dessas representações e de construção de discursos de resistência.

Da representação à construção da própria narrativa

Um dos resultados mais relevantes encontrados nos estudos é justamente a transformação da posição ocupada pelas mulheres negras nas narrativas culturais. Em vez de permanecerem apenas como sujeitos representados por outras pessoas, elas passam a utilizar a música para narrar suas próprias experiências, construir identidades e questionar representações historicamente impostas.

Essa perspectiva aproxima-se diretamente do feminismo negro. Leal (2020) destaca que essa corrente valoriza as experiências e as visões de mundo das próprias mulheres negras, reconhecendo a importância de que sejam sujeitos de suas histórias e discursos. A autora também destaca as contribuições de pensadoras brasileiras como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro para a construção de uma perspectiva que articula raça, gênero, identidade e protagonismo.

No campo musical contemporâneo, Santos e Santos (2025) identificam processo semelhante ao estudarem as narrativas de mulheres negras no rap. Utilizando o conceito de escrevivência - idealizado pela Conceição Evaristo, demonstrando assim que as autoras com suas experiências pessoais e coletivas são agentes transformadores na sociedade relacionadas a gênero, raça e classe. Dessa forma, a produção artística funciona também como estratégia de existência e afirmação identitária.

Essa mudança é relevante, pois reafirma os papéis que antes as mulheres negras não poderiam assumir, porém com crescimento de representatividade e menos paradigmas nessa

ISSN 2317-1316

área, elas podem agora assumir. Assim a música passa a funcionar como não apenas um mercado de entretenimento, mas sim de produção de discursos sobre identidade, desigualdade, pertencimento e resistência.

Entre precursoras e novas gerações: o que mudou?

A comparação entre diferentes gerações permite identificar permanências e transformações. Trajetórias como as de Dona Ivone Lara e Elza Soares demonstram as dificuldades históricas enfrentadas pelas mulheres negras para ocupar espaços de criação e reconhecimento na música brasileira. Enquanto Dona Ivone Lara rompeu barreiras em um ambiente predominantemente masculino (Trotta, 2021), Elza Soares construiu uma trajetória marcada pelo enfrentamento ao racismo, ao machismo e às desigualdades sociais, utilizando sua expressão artística também como forma de resistência e afirmação da mulher negra (Pinto e Silva, 2025). Nas produções contemporâneas analisadas por Carvalho, Souza e Abreu (2022) e Santos e Santos (2025), por sua vez, observa-se maior explicitação de questões relacionadas à raça, ao gênero, à identidade e à resistência.

As transformações tecnológicas também contribuíram para modificar esse cenário. Ourique e Gauziski (2025) destacam que a expansão da internet, das redes sociais, das plataformas digitais e das possibilidades de produção independente reduziu algumas das barreiras anteriormente impostas pela dependência das grandes gravadoras. Esses recursos possibilitaram novas formas de produção, divulgação e aproximação entre artistas e público.

Nesse novo cenário, observa-se também a consolidação de uma geração de mulheres negras que ocupa diferentes segmentos da música brasileira contemporânea. Artistas como Ludmilla e IZA alcançaram grande projeção no pop, no funk, no pagode e no R&B, enquanto Liniker, Luedji Luna, Xênia França e Rachel Reis representam a presença feminina negra em diferentes vertentes da MPB, do soul e de sonoridades relacionadas à diáspora africana. No rap e na música urbana, nomes como Tássia Reis, Drik Barbosa, Duquesa e MC Luanna também demonstram a diversidade da produção musical realizada atualmente por mulheres negras.

A presença dessas artistas em diferentes gêneros musicais evidencia uma transformação importante em relação às gerações anteriores, sobretudo pela ampliação das possibilidades de produção, circulação e construção de narrativas próprias. Essa mudança pode ser relacionada, entre outros fatores, às transformações tecnológicas da indústria musical e à expansão das formas independentes de produção e divulgação proporcionadas pelas mídias digitais.

ISSN 2317-1316

Os dados disponíveis indicam que essa relação não é automática. Ourique e Gauziski (2025) demonstram que maior possibilidade de divulgação não corresponde necessariamente à igualdade na indústria. Em 2023, por exemplo, 65,6% da participação nos lineups dos festivais analisados correspondia a homens cis, enquanto mulheres cis representavam 24,9%. No primeiro semestre de 2024, nenhuma mulher apareceu entre os artistas que mais se apresentaram nos 146 festivais examinados.

Esses resultados permitem diferenciar visibilidade, representatividade e igualdade, na medida que a crescente de artistas negras em espaços de destaque pode representar um avanço importante em termos de visibilidade e construção de referências. Entretanto, não permite concluir, isoladamente, que as estruturas da indústria musical tenham se tornado igualitárias. Essa distinção torna-se ainda mais relevante quando se considera que as desigualdades existentes entre homens e mulheres podem ser aprofundadas por questões raciais. Ourique e Gauziski (2025) destacam que, mesmo entre as mulheres, permanece o silenciamento de grupos como mulheres negras e indígenas, demonstrando que a categoria gênero, isoladamente, não explica todas as desigualdades existentes no setor.

Nesse sentido, a análise das diferentes gerações revela uma aparente contradição. De um lado, mulheres negras encontram atualmente novas possibilidades para produzir, divulgar e construir suas próprias narrativas. De outro, permanecem desigualdades relacionadas à participação, reconhecimento e acesso aos principais espaços da indústria. Assim, os avanços observados não representam necessariamente o desaparecimento das estruturas históricas de desigualdade, mas demonstram novas formas de enfrentá-las e questioná-las (Ourique e Gauziski, 2025).

4 CONCLUSÃO

Essa aparente contradição pode ser compreendida a partir do feminismo negro e da interseccionalidade. Leal (2020) ressalta que as experiências das mulheres negras são atravessadas simultaneamente pelas estruturas de raça e gênero, de modo que sua presença e reconhecimento social não podem ser compreendidos considerando apenas uma dessas dimensões. A interseccionalidade permite justamente observar como racismo, patriarcado e sexismo se articulam e produzem condições específicas de desigualdade para as mulheres negras. Os resultados indicam, portanto, que o feminismo negro tem como papel de

ISSN 2317-1316

fornecimento, uma perspectiva importante para-se compreender essas permanências e transformações. Ao considerar mutuamente raça e gênero, torna-se possível perceber que a ampliação da participação de mulheres negras na música brasileira representa uma conquista significativa, porém a visibilidade conquistada por alguns artistas não garante a superação dos vínculos estruturais baseados em desigualdades que moldaram e moldam até hoje a indústria musical brasileira.

5 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Declaração de Uso de IA: Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta ChatGPT, da OpenAI, exclusivamente como ferramenta de apoio para a organização e elaboração da Tabela 1, a partir das informações e referências bibliográficas selecionadas para a pesquisa. O conteúdo gerado foi revisado, editado e validado pelo autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo final.

6 REFERÊNCIAS

Billboard Brasil. As mulheres pretas que estão transformando a música brasileira. Billboard Brasil. 2026 Jul 25.

Carvalho AB, Souza JA, Abreu MS. Branquitude, imagens de controle e desidentificação: uma análise de discurso textualmente orientada de raps produzidos por mulheres negras. Língu@ Nostr@. 2022;10(1):43-64. doi:10.29327/232521.9.1-3.

Felippe AM. Lélia Gonzalez: mulher negra na história do Brasil. Geledés. 2009 Aug 8.

Leal H. Feminismo negro. Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia. 2020;6(3):16-23.

Ourique J, Gauziski D. Quem são e onde vivem: uma análise de dados das mulheres na indústria da música. MusiMid: Revista Brasileira de Estudos em Música e Mídia. 2025;6:1-23.

Pinto DF, Silva MAM. Cultura negra afrodiaspórica: a voz da mulher negra como resistência. Revista Ñanduty. 2025;13(21):275-300. doi:10.30612/nty.v13i21.19427.

Preta Rara. Falsa abolição. Letras.mus.br. [s.d.].

Santos CLN, Santos RA. Escrevivências de mulheres negras rappers: um olhar sobre suas narrativas através do rap. Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade. 2025;34(79):294-310. doi:10.21879/faeeba2358-0194.2025.v34.n79.p294-310.

Trotta F. “Minha verdade”: o feminismo negro de Dona Ivone Lara. Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. 2021;(21).